

“Não se come dinheiro” – Crítica ao Extrativismo Capitalista

No ensaio inicial, Krenak critica a crença positivista de que o crescimento econômico infinito salvará a humanidade. Ele lembra um ditado indígena: “**Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro**”. Essa afirmação simbólica – que dá nome ao texto – denuncia o caráter **predatório** do capitalismo: afinal, o dinheiro não alimenta quem esgota rios e florestas. Krenak ressalta que vivemos “*viciados em modernidade*”, atolados num ciclo de produção e consumo desenfreados que nos desconectam do “organismo vivo da Terra”. Por isso, ele desafia a ilusão de progresso linear e questiona a obsessão contemporânea por colonizar o espaço sideral: “**quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado?**”.

O autor associa o consumismo a uma visão utilitarista radical: tudo vira mercadoria – inclusive a vida humana. Como observa Rafaela Defendi, Krenak mostra que essa lógica excludente criou uma “casta da humanidade” que explora a natureza e finge que os demais não importam. Em contrapartida, o índio campeão do livro ressalta nossa fragilidade: a pandemia de Covid-19, por exemplo, revela que perdemos o controle sobre a vida. Segundo ele, o **vírus** atua “como um luminol”, expondo por completo as entranhas de um estilo de vida que separa “cidadãos de sub-cidadãos, humanidades de sub-humanidades”. O próprio coronavírus “está discriminando a humanidade” – só mata humanos, não araras ou ursos – e nos obriga a repensar o antropocentrismo. Em vez de culpar corporações ou governos externos, Krenak convida a buscar forças internas: abandonar a escalada produtivista e abraçar práticas locais, como a **agroecologia** e a **permacultura**, que dão “uma chance” ao planeta. Em suma, “Não se come dinheiro” põe em cheque a noção de progresso vigente, usando a metáfora do dinheiro inútil para reorientar nosso vínculo com a Terra.

“Sonhos para adiar o fim do mundo” – O valor do sonho e da espiritualidade

No segundo ensaio, Krenak introduz o sonho como instrumento epistemológico e afetivo. Para ele, a noção ocidental de *humanidade* é muito limitada, e devemos valorizar os sonhos e afetos que sustentam outras tradições. Ele descreve o sonho como “uma espécie de instituição dentro da qual se admitem sonhadores”, contrapondo-o à vigília cartesiana. Nesse capítulo, a escritura de Krenak fica particularmente poética: afirma, por exemplo, que “**o sonho é um lugar de veiculação de afetos**”. Em outras palavras, ao sonhar, carregamos sentimentos profundos de geração em geração, abrindo brechas para que o real se reconstrua pela “transa com o afeto”. Essa visão ressoa com o pensamento indígena e decolonial: enquanto a racionalidade ocidental exclui memórias não alinhadas ao progresso, Krenak recupera “uma dimensão ancestral e mística” da existência.

Ao longo do texto, referências literárias reforçam a mensagem. Inspirado em Sidarta Ribeiro e Guimarães Rosa, Krenak sugere que a arte rupestre – e, metaforicamente, cada sonho – conta mais do que a história documentada; revela ansiedades, esperanças e afetos

coletivos. Ele sugere que precisamos acordar para a ideia de que “**a vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem definição**”, rompendo a caricatura puramente utilitarista do ser humano. Nesse sentido, o sonho funciona como antídoto contra o “fluxo automatizado” da vida moderna: em vez de ver a existência como algo predestinado (como uma fábrica de consumidores), Krenak convida a cultivar a imaginação e os vínculos emocionais que podem nos manter conectados à natureza e à “experiência de um mundo mais justo”. A constante contraposição entre o sonho (imagem de acolhimento) e a vigília (pressão colonial) é, portanto, o símbolo central deste ensaio, reforçando que a **espiritualidade indígena** e a convivialidade emocional são fontes vitais de resistência à crise global.

“A máquina de fazer coisas” – Homem, técnica e pertencimento à natureza

Neste ensaio, Krenak volta seu olhar para a relação com a tecnologia e a lógica produtivista. Ele denuncia o hábito social de viver como “máquina de fazer coisas”: a crença acrítica de que produzir mais tecnologia levará à salvação. Em entrevista, alerta que seguimos “produzir, produzir... como uma máquina de fazer coisas. E nós não podemos ser uma máquina de fazer coisas”. Para o autor, essa disposição cega por ferramentas e invenções mantém a humanidade escravizada a um ciclo destrutivo – “essa maquinaria toda vai instituindo um consumo de tudo, inclusive o consumo de nós mesmos”. Em suma, o “animal humano” moderno converteu a vida em mercadoria, perdendo a noção de cuidado com o mundo vivo.

A alternativa que Krenak propõe retoma visões indígenas de mundo integradas. Ele lembra que, nas narrativas dos povos originários, não há fronteira rígida entre seres humanos e natureza: falar de um povo que “se mantém de pé” é falar a partir das árvores e da floresta ao seu redor. Nesse cosmoCentrismo, técnicas e objetos são entendidos como poderes compartilhados com a Terra, não como propriedade exclusiva do homem. Com isso, Krenak choca duas visões: de um lado, a arrogância ocidental que quer moldar os ecossistemas à sua imagem; de outro, o entendimento indígena de convivência contínua. O ensaio utiliza símbolos literários (Drummond, Gilberto Gil) e referências filosóficas (Davi Kopenawa, Bruce Albert) para reforçar que o verdadeiro “fazer” humano não é fabricar compulsivamente, mas viver em **afinidade** com o entorno. Em suas palavras, a única saída é “despertar nosso poder interior” e abandonar a modernidade viciada – um convite a reaprender a relação com a natureza fora da lógica de mercado.

“O amanhã não está à venda” – Território, pandemia e decapitação colonial

O quarto ensaio desloca a crítica para o espaço vivido e a terra. Krenak, confinado em sua propriedade ancestral no médio Rio Doce durante a pandemia, contrasta sua “sorte” com a de milhões enclausurados em apartamentos: ele pôde plantar árvores, enquanto a habitação urbana derrubava-as para se manter quente. Esse choque revela a dureza da especulação imobiliária e da propriedade privada no Brasil. Inspirado no geógrafo Yi-Fu

Tuan, Krenak explica que para nós a natureza é tanto “espaço” (abertura, liberdade) quanto “lugar” (guarda, afeto). No caso indígena, não há hierarquia entre os dois: “**o espaço/a natureza é seu lugar**”, declara o autor, quebrando de vez a dicotomia colonial espaço-versus-lugar.

A pandemia em si torna-se metáfora: o vírus Covid-19 representa a própria Terra reagindo ao “pensamento doentio” da humanidade. Krenak observa que “esse vírus está discriminando a humanidade... O vírus não mata pássaros, ursos, renas ou araras, apenas humanos”, forçando o abandono do antropocentrismo. Ele reforça que o coronavírus expõe as “entradas de uma forma de viver” que segregava pessoas em “cidadãos” e “sub-cidadãos”, um verdadeiro anúncio da necropolítica inerente ao capitalismo. Em outros termos, o ensaio mostra como a crise sanitária desnuda nossa condição: ou mudamos o modo predatório de vida (hoje percebido como insustentável) ou o “amanhã” que o mercado promete simplesmente não existe para muitos. Essa mensagem transparece no slogan do capítulo: o futuro não pode ser vendido nem comprado, porque é fruto de escolhas coletivas e de respeito ao território comum.

“A vida não é útil” – Restauração dos laços ancestrais e crítica ao utilitarismo

O último ensaio, que dá título ao livro, resume a proposta do autor: um **choque com o utilitarismo** moderno e uma reconexão com o legado ancestral. Pelo próprio título, Krenak sinaliza que não aceita a instrumentalização da existência (“erosão da vida”) imposta pela racionalidade capitalista. Em sua visão, crescemos acreditando que a vida serve a um fim pragmático (trabalho, consumo, status), mas essa crença disfarça o papel essencial de outras maneiras de viver. Ele afirma: “Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável”. Ou seja, ao apagarmos memórias e modos de existir não-occidentais, tornamo-nos herdeiros de uma visão estreita que o próprio autor rejeita como desumanizante.

Krenak condena a formação padronizada da subjetividade contemporânea: desde cedo somos educados como peças predefinidas numa fábrica social, onde “tudo já está configurado” para nos tornarmos engenheiros, médicos ou consumidores. Contra isso, ele propõe vivenciar uma “provocação acerca do egoísmo” – reconhecendo que não salvaremos o mundo agindo isoladamente. Nas palavras do autor, quando “percebemos que sozinho não fazemos a diferença, nos abrimos para outras perspectivas”. Isso inclui valorizar nosso “corpo-território” e saberes tradicionais: quem “vive a cultura de um povo que não perdeu a memória de fazer parte da natureza” é, sem esforço, herdeiro dessa sabedoria. Para quem já é “consumidor do planeta” urbano, o caminho de volta é mais difícil – reforçando que só uma transformação coletiva e afetuosa pode restaurar o sentido da vida.

Ao final, Krenak nos deixa uma imagem emblemática: a travessia de um deserto, em alusão a Guimarães Rosa, como metáfora de nossa jornada. Para além das crises imediatas, ele insiste que somos “con-viventes” e que devemos exercitar a coragem para seguir em frente.

Em suma, *A Vida Não É Útil* conclui propondo um reencantamento do mundo – isto é, resgatar o lugar da ancestralidade, do afeto e do respeito à Terra como fundamentos de um futuro que ainda não foi vendido nem escravizado pelo mercado.